

A infecção dos rios Amazonas e Tapajós: olhares em confinamento de estudantes de antropologia em Santarém (Brasil)

The infection of the Amazon and Tapajos rivers: anthropology students' views in confinement (Santarem, Brazil)

La infección de los ríos Amazonas y Tapajós: miradas en confinamiento de estudiantes de antropología en Santarém (Brasil)

Miguel Aparicio, Juliana Leide Marques Bentes Barreto, Eduardo Ferreira Silva, Karina Cunha Pimenta, Dían Sousa de Oliveira, Risonilva Garcia Correa, Matheus Araújo Lobato, André Luiz Lemos Ferreira, Jéssica Miranda Matos, Paula Pires Pinheiro, Talita Cristina Araújo Baena

Dossier: Reflexões e perspectivas sobre a pandemia de COVID-19

Editores: Luisa Elvira Belaúnde, Gilton Mendes y Edgar Bolivar-Urueta

Data de envio: 2020-06-16. **Devolvido para revisões:** 2020-07-23. **Data de aceitação:** 2020-07-30

Como citar este artigo: Aparicio, M., Barreto, J.L.M.B., Silva, E.F, Pimenta, K.C., Oliveira, D.S., Correa, R.G, Lobato, M.A., et al. (2020). A infecção dos rios Amazonas e Tapajós: olhares em confinamento de estudantes de antropologia em Santarém (Brasil). *Mundo Amazônico*, 11(2): e88334. <http://dx.doi.org/10.15446/ma.v11n2.88334>

Miguel Aparicio. Doutor em Antropologia Social pelo Museu Nacional (Universidade Federal do Rio de Janeiro) e professor adjunto do Programa de Antropologia e Arqueologia da Universidade Federal do Oeste do Pará. (UFOPA). mgl.aparicio@gmail.com

Juliana Leide Marques Bentes Barreto. Bacharel em Antropologia pela Universidade Federal do Oeste do Pará. juhleide03@gmail.com

Eduardo Ferreira Silva. Graduando em Antropologia pela Universidade Federal do Oeste do Pará. fersileduardo@gmail.com

Karina Cunha Pimenta. Graduanda em Antropologia pela Universidade Federal do Oeste do Pará. karinapimentac@gmail.com

Dían Sousa de Oliveira. Graduando em Antropologia pela Universidade Federal do Oeste do Pará. dsoliveira5@gmail.com

Risonilva Garcia Correa. Graduanda em Antropologia pela Universidade Federal do Oeste do Pará. nilva.borari@gmail.com

Matheus Araújo Lobato. Graduando em Antropologia pela Universidade Federal do Oeste do Pará. boltmath1@gmail.com

André Luiz Lemos Ferreira. Graduanda em Antropologia pela Universidade Federal do Oeste do Pará. andreluiz7302@gmail.com

Jéssica Miranda Matos. Graduanda em Antropologia pela Universidade Federal do Oeste do Pará. ajessicamiranda@outlook.com

Paula Pires Pinheiro. Graduanda em Antropologia pela Universidade Federal do Oeste do Pará. paulappinheiro@gmail.com

Talita Cristina Araújo Baena. Jornalista, mestre em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Pará e doutoranda em Ciências Ambientais pela Universidade Federal do Oeste do Pará. talita.baena@gmail.com

Resumo

Este artigo surgiu como uma espécie de “etnografia em retalhos” em que um grupo de estudantes de antropologia e um professor da Universidade Federal do Oeste do Pará, na Amazônia brasileira, buscaram superar as barreiras do confinamento e entrelaçaram seus olhares sobre a pandemia de Covid-19. Inspirados em leituras comuns feitas durante as aulas que precederam a época de suspensão das atividades universitárias, as suas reflexões à beira dos rios Amazonas e Tapajós tecem esta experiência de escrita colaborativa, quando o novo coronavírus irrompe precisamente em um dos momentos mais exacerbados de agressão à floresta amazônica e a seus habitantes.

Palavras chave: Covid-19; Amazônia; Pandemia.

Abstract

This paper turned up as a kind of “patched ethnography” in which a group of anthropology students and their professor at the Federal University of Western Pará, in Brazilian Amazonia, tried to overcome the barriers of confinement and interlocked their views on the Covid-19 pandemic. Inspired by common readings they did during the classes before the suspension of university activities, these reflections, emerged by the Amazon and Tapajós rivers, twine this experience of collaborative writing, when the novel coronavirus erupts precisely in one of the most exacerbated moments of aggression to the Amazonian rainforest and its inhabitants.

Keywords: Covid-19; Amazonia; Pandemics.

Resumen

Este artículo surgió como una especie de “etnografía en retazos” en la que un grupo de estudiantes de antropología y un profesor de la Universidad Federal del Oeste del Pará, en la Amazonia brasileña, buscaron superar las barreras del confinamiento y entrelazaron sus miradas sobre la pandemia del Covid-19. Inspirados en lecturas comunes que hicieron durante las clases anteriores a la época de suspensión de las actividades universitarias, sus reflexiones, a la orilla de los ríos Amazonas y Tapajós, entretienen esta experiencia de escritura colaborativa, cuando el nuevo coronavirus irrumpe precisamente en uno de los momentos más exacerbados de agresión contra la selva amazónica y a sus habitantes.

Palabras clave: Covid-19; Amazonia; Pandemia.

Em plena escalada da pandemia do novo coronavírus, o ministro do Meio Ambiente do executivo brasileiro propunha em reunião ministerial que o governo aproveitasse o foco da imprensa na cobertura da pandemia para “ir passando a boiada” e promover mudanças nas normas ambientais. “Só se fala em Covid, é hora de unir esforços para dar de baciada a simplificação” (Min. Ricardo Salles, 22 de abril de 2020).¹ No dia 9 de junho, o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais anunciava taxas elevadas de desmatamento na Amazônia, que superavam os 10.000 km² para o ano 2019.² O avanço do agronegócio sobre terras indígenas, unidades de conservação e outras terras públicas continuava consolidando-se de forma acelerada durante a pandemia, ao tempo que o governo promovia o desmonte dos órgãos de controle e proteção. Simultaneamente, o Congresso preparava o Projeto de Lei 2633/2020,³ que incentiva a regularização fundiária das terras públicas usurpadas pela grilagem e o desmatamento ilegal desde 2008.

Agravando este panorama, o avanço global do novo coronavírus situa, na data em que escrevemos estas páginas (junho de 2020), América do Sul como novo epicentro global da pandemia⁴, com uma incidência particularmente aguda na região amazônica – inicialmente nos grandes centros urbanos como

Manaus ou Belém, mas em processo acelerado de interiorização, afetando de modo especial terras indígenas e comunidades tradicionais. Pesquisas apontam índices de vulnerabilidade à Covid-19 especialmente elevados em áreas como a Terra Indígena Yanomami, a Terra Indígena Vale do Javari (com a maior concentração de grupos indígenas isolados do planeta) e a Terra Indígena Alto Rio Negro.⁵ O rio Amazonas, vetor histórico de disseminação de epidemias que dizimaram seus habitantes, se transformou em um dos corredores mundiais de dispersão do novo coronavírus. Nossos rios estão novamente infectados.

Este artigo é resultado de um esforço de comunicação entre um grupo de estudantes e um professor de antropologia da Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA), na tentativa de traçar linhas de conexão entre nossos respectivos confinamentos. Nas nossas casas à beira dos rios Amazonas e Tapajós, em Santarém, Belterra e Alter do Chão, nos propusemos tecer uma espécie de “etnografia em retalhos”, convivendo com o medo do contágio e o drama que alcança nossas famílias, bairros e comunidades. Vivemos em uma Amazônia em ruínas, onde “as bibliotecas estão sendo incendiadas” (Rocha e Loures, 2020), com o novo coronavírus provocando a morte dos anciões dos povos tradicionais que habitam nossa região.

Semanas antes da irrupção da pandemia de Covid-19, líamos em sala de aula textos de Donna J. Haraway (2016) e de Anna L. Tsing (2019) que nos ajudaram a refletir sobre nossas paisagens multiespécies alteradas pelo mercúrio nos rios, pelo correntão que derruba as florestas e dá espaço às monoculturas, pelo glifosato despejado sobre lavouras e casas de quilombolas⁶, pelas manobras do Estado para despojar indígenas e agricultores de suas terras⁷. Estudar a irrupção do Antropoceno e do Capitaloceno como fim dos refúgios da vida parecia algo imediato no nosso cotidiano. Subitamente, os impactos do SARS-CoV-2 nos transformaram em refugiados em nossas próprias casas. Em novembro de 2019, lideranças da Amazônia, cientistas e movimentos sociais tinham se reunido no encontro “Amazônia Centro do Mundo” (Brum, 2019) – também esse evento nos inspirava. Agora a pandemia atingia o centro do mundo, e esse centro continuava aqui, na Amazônia. As páginas seguintes são uma assembleia das nossas reflexões, um esforço para sobreviver a tanta precariedade.

Não falem seu nome⁸

Belterra, o município onde eu moro, fica literalmente em meio a monoculturas de soja. A implantação das monoculturas de grãos em Belterra e na região metropolitana de Santarém iniciou há aproximadamente vinte anos. Coincidentemente, a soja e eu temos praticamente a mesma idade. A soja, portanto, assistiu ao meu crescimento, e eu assisti ao dela – muito embora nem tão conscientemente. Foram vinte anos de mudanças socioambientais significativas, de perturbações no lugar em que eu cresci.

Entre as metamorfoses advindas da expansão do agronegócio na cidade, destacam o desaparecimento significativo da biodiversidade por conta do desmatamento e das queimadas, o envenenamento das cabeceiras de igarapés, rios e lençóis freáticos, a extinção de inúmeras espécies animais e vegetais, com todas as suas convivências simbióticas. Se nos adentrarmos no campo sociopolítico, o agronegócio tem íntima relação com o surgimento de conflitos fundiários e socioambientais, como o envenenamento das comunidades. É neste panorama que enfrentamos uma das maiores pandemias da história. É neste cenário que a soja e o SARS-CoV-2 se encontram.

Desde a incidência do novo coronavírus, o pequeno município tem se adaptado a algumas medidas restritivas. Desde o final de março estou em confinamento domiciliar junto com minha família, que soma dezoito pessoas no total. Entre nós há dois idosos, eles fazem parte do grupo de risco. Embora não habitemos na mesma residência – cada qual possui sua casa própria, mas compartilhamos o mesmo quintal – grande parte do tempo estamos “aglomerados” na casa da matriarca da família, minha avó-mãe Dilma. O almoço é feito para todos: filhos, filhas, netos, netas, noras. Como é o momento de maior socialização, obviamente o coronavírus tem se tornado protagonista nas conversas familiares.

Na casa de mãe Dilma, no entanto, é proibido citarmos o nome da doença ou do próprio vírus. Minha avó acredita que o simples ato de falar seu nome pode atraí-lo para nossa casa. O nome do vírus, segundo ela, traz mau agouro. Na tentativa de evitar a sua nomeação direta, surgem novos nomes para o vírus. Mesmo sem uma forma horrenda – afinal ele é invisível a olho nu –, por vezes se referem a ele como “esse bicho feio aí que está matando as pessoas”. Na minha família se dribla o coronavírus não somente com álcool em gel, máscaras e isolamento, mas também negando-lhe seu nome.

Apesar de todos os cuidados, é manifesta a vulnerabilidade à qual estamos submetidos, pois ainda hoje o município de Belterra é dependente de Santarém no acesso a hospitais, trabalho, comércio e serviços diversos. Além disso, alguns dos meus familiares não foram liberados do trabalho para o confinamento. Mensalmente nos aventuramos pela BR-163 para comprarmos alimentos nos hipermercados de atacado. A família é grande, o risco é alto. Até quando ficaremos seguros? Isso suscita outra questão: como podemos ter segurança quando o agronegócio regional não interrompeu suas atividades?

De fato, o agronegócio movimenta um fluxo intenso de entrada e saída de trabalhadores e trabalhadoras na cidade que atuam no processamento e escoamento de grãos. O agronegócio não para. Aliado a ele, o sistema granjeiro, muito forte no planalto santareno, está sustentado por trabalhadores e trabalhadoras belterrenses, que saem todos os dias (exceto nos feriados e finais de semana) às seis horas da manhã e voltam às oito da noite nos ônibus das empresas. Nesses termos, em que medida as regras de isolamento

podem proteger a população trabalhadora vulnerável? Como garantir que tais setores estejam de fato protegidos da ameaça global da pandemia quando a interrupção ou reorganização dos negócios não consegue ser uma opção? Como proteger a classe trabalhadora e seus familiares?

A urgência de políticas públicas que salvaguardem a população mais vulnerável é premente. Amigos próximos que trabalham em empresas de granja da região metropolitana de Santarém já contraíram a doença. Alguns já perderam familiares e entes queridos. As empresas serão responsabilizadas por essas mortes, uma vez que são elas as principais mantenedoras do fluxo de pessoas na região? As interrogações são muitas e confluem em uma conjuntura de incerteza que adquiriu proporções mundiais. Somado a isso, a falta de transparência e a confusão de informações não contribuem para o apaziguamento dos ânimos por aqui.

Por ora, esse “esse bicho feio aí” continua a se propagar em velocidade alarmante e pode até inspirar-nos a tomar um banho de folhas contra o mau agouro. Afinal, proteção é essencial. A pandemia também suscita metáforas fecundas: um vírus capaz de mascarar toda uma população em escala mundial ao mesmo tempo desmascara a perversidade do sistema capitalista neoliberal que, diferente do vírus, escolhe quem vive e quem morre. Parece-me que ele, junto ao novo coronavírus, é “o bicho feio que anda matando as pessoas por aí”. Seu nome, endereço e telefone também deveriam ser evitados.

Conciliando reflexões isoladas⁹

Eu me lembro, quando era mais novo, de achar curioso os chineses usarem máscara no dia a dia devido à poluição em suas cidades. Costumava refletir se aquele hábito se tornaria comum em todo o planeta nas décadas posteriores, por causa da crescente destruição de nossos ecossistemas. Jamais poderia imaginar que aquele hábito pudesse tão rapidamente fazer parte de nossas vidas – ainda por cima devido a uma surpreendente pandemia. Em poucas semanas a doença já tinha dado a volta ao mundo e atingido o coração da Amazônia. Após o primeiro registro do novo coronavírus no Brasil, o país entrou rapidamente em colapso, ainda mais com a alta temperatura da crise econômica instaurada no governo Bolsonaro.

O Brasil não é mais conhecido pelo samba ou pelas selvas, mas por ter se tornado um manicômio tropical, escancarando a sujeira e o sangue jogado abaixo do tapete durante mais de 500 anos de exploração. As redes sociais expressam esse colapso social que tem nos deixando estarecidos, encurralados na atual conjuntura. Como agir diante de uma situação como a pandemia de Covid-19, quando o caos nos rodeia por meio de genocídios, ecocídios, epistemicídios, feminicídios estampados nas manchetes dos jornais e nos links das redes sociais?

Como ainda não sei como agir diante desta realidade, dirijo minha atenção a dois comércios que crescem atualmente: a produção de álcool em gel e de máscaras. Mais um dia de trabalho concluído, chegue em casa e recorra logo ao álcool em gel. Após esse novo procedimento de limpeza, você já pode abrir a porta de sua prisão, caverna, bunker, casa, como queira chamar. Para sair, um novo detalhe não pode ser esquecido: qual máscara irá usar? A florida, para dar um ar mais leve à aparência cansada de noites mal dormidas? Ou uma preta, coringa para qualquer vestimenta? O brasileiro e sua arte de criar memes (até mesmo de sua própria tragédia) tem viralizado imagens de pessoas usando roupas íntimas ou até mesmo sacolas plásticas como máscara de proteção, devido a obrigatoriedade instaurada. Poderia ser cômico, se não fosse angustiante, o fato de que nem todos podem ter a simples possibilidade de proteção.

No começo da quarentena, o preço do álcool em gel extrapolou os limites do bom senso, tanto que os órgãos de defesa do consumidor tiveram que criar medidas mais severas de fiscalização. Especialistas tentavam acalmar os ânimos da população, que se via em pânico ao encontrar prateleiras vazias ou sem dinheiro para adquirir o novo produto obrigatório, e indicavam como alternativa o simples ato de lavar as mãos com água e sabão. Você poderia tranquilizar-se estando em uma das maiores bacias hidrográficas do mundo, porém a sua cidade na Amazônia não garante fornecimento de água nem saneamento básico para todos. A maioria das cidades no Norte do Brasil foram construídas à beira de grandes rios, mas com frequência não há sequer uma gota de água na torneira das casas. As águas dão vida às nossas comunidades, nas águas habitam os encantados que me mantém firme.

A morte como contraponto da vida sempre esteve no nosso dia a dia. Porém, a partir de que momento a morte começou a ser utilizada contra nós mesmos em favor de uma minoria? Nós sempre fomos categorizados como minoria, seja pela nossa cor, gênero, sexualidade, classe social ou até mesmo pelo lugar em que moramos. Até quando nossas características serão vistas como inferiores ou menores por um sistema selvagem e canibal que se autointitula civilizado, que insiste em deteriorar a vida mais ainda?

O colapso social no Brasil e nos Estados Unidos evidenciou que não importa se você está em um país do Norte desenvolvido ou no Sul subdesenvolvido: a pandemia de Covid-19 trouxe à tona as diferenças de classe e raça que estão ainda grudadas como chiclete em nossos cabelos. No mundo inteiro o isolamento social, a medida mais eficiente contra o contágio e a proliferação da Covid-19, se tornou claramente um privilégio. Basta olhar em volta e ver as pessoas em situação de rua, ou os trabalhadores informais, sem carteira assinada, que lutam diariamente pela sua existência. Na internet, as pessoas em isolamento social total criticam aglomerações – as promovidas pelo próprio presidente ou as filas dos bancos em que as pessoas se arriscam para receber a

esmola do governo genocida. O desgoverno de Bolsonaro e sua necropolítica (Mbembe, 2011) tem apertado nosso peito, na obsessão de que a economia não pode parar. Mas essa economia funciona pra quem? Como um habitante do planeta Terra pode viver nesta época de tantas doenças físicas e mentais? Não somos pessoas alienadas, que ignoram sua casa em chamas. Onde buscar forças para mais uma batalha diária contra o preconceito, contra a exclusão social, contra a injusta distribuição da renda? A nova rotina consistirá em viver na linha tênue entre a sanidade e a loucura? Diante de tanta falta de perspectiva é preciso afirmar, em meio às diferenças, aquilo que nos une: o direito de viver plenamente e de termos um futuro.

Qual futuro será o amazônico?¹⁰

Minha mãe é uma das primeiras mulheres da família a se formar no ensino superior. Nascida em Parintins e criada em Oriximiná, lutou como mulher e mãe pelo direito à educação. Hoje é assistente social, trabalha durante um turno como coordenadora em um abrigo municipal para menores em cumprimento de medidas protetivas em Santarém, e durante outro como gerente administrativa na Creche Seara (Associação Santarena de Estudos e Aproveitamento dos Recursos da Amazônia), que atende crianças de 1 a 5 anos de idade: nela, pais em situação de vulnerabilidade podem deixar os filhos durante suas jornadas de trabalho. Durante a pandemia é exigida a presença no trabalho, em contato constante com as pessoas. Nesses lugares e para essas pessoas o Brasil não parou. A população mais pobre e periférica não tem direito à vida, como também não tem direito à quarentena. Assim como muitas pessoas que tiveram que trabalhar durante a pandemia, minha mãe manifestou sintomas da Covid-19. Dessa maneira, a realidade do que estava acontecendo lá fora adentrou na minha casa. Antes de isso acontecer eu já não dormia bem, a ansiedade me corroía, permanecia frustrada com as notícias nos meios de comunicação. Naquela mesma semana tinha lido *O amanhã não está à venda*, de Ailton Krenak. Um trecho do livro me chamou a atenção, expressava muito bem o que eu sentia: “Imagine se vou ficar em paz pensando que minha mãe ou meu pai podem ser descartados. Eles são o sentido de eu estar vivo. Se eles podem ser descartados, eu também posso” (Krenak, 2020, p. 10).

Krenak também diz que “a ideia de nós, os humanos, nos descolarmos da terra, vivendo numa abstração civilizatória é absurda. Ela suprime a diversidade, nega a pluralidade das formas de vida, de existência e de hábitos” (2019, p.11). Hoje a aceleração do consumo trouxe consigo uma pandemia mundial. Assim, o SARS-CoV-2 deixou de ser um vírus que assolava outros continentes e passou a modificar o modo de vida dos moradores da Amazônia, região que se tornou epicentro da doença. Nas águas do rio Tapajós é possível observar o alastramento da pandemia entre os povos ribeirinhos, indígenas e quilombolas. No entanto, a grilagem avança no Norte do país, e continua

adentrando nas aldeias e comunidades quilombolas no coração da Amazônia. Nossos governantes seguem incentivando a invasão das suas terras, mesmo durante o período de isolamento social provocado pela chegada do vírus. Os povos da Amazônia vivem uma dupla invasão: além do perigo de verem seus corpos infectados, ainda correm o risco de serem separados de suas terras.

O(s) mundo(s) dos povos indígenas, beiradeiros e quilombolas que vivem no entorno do rio Tapajós vem morrendo junto com suas histórias e memórias. Para muitos povos da região amazônica o(s) mundo(s) já vem acabando há muito tempo. Seguem resistindo e re-existindo diante de múltiplas tentativas de extermínio, seja por meio da violência física, da usurpação de suas terras ou da precariedade de condições de vida em um Estado que não garante assistência. O vírus não almeja ou vislumbra futuro, apenas reage às ações que vem de nós. Ele não planeja invadir nossos corpos e nossas casas, mas de forma não intencional acompanha quem o leva como hospedeiro. Dessa forma alcança aldeias e comunidades remotas, distantes dos centros de atendimento sanitário.

Podemos perguntar-nos: qual futuro será o amazônico? Acredito que chegou a hora de sermos guiados pelos indígenas, beiradeiros e quilombolas que mantêm a Amazônia ainda viva – para eles e para aqueles ao seu redor. Nas palavras de Haraway (2016), uma maneira de viver e morrer bem passaria pela união de forças para reconstituir refúgios, refúgios que podem ser construídos com a força e os conhecimentos plurais dos povos que aqui vivem. Além de todo o sofrimento que a pandemia do novo coronavírus tem causado ao redor do mundo, não podemos perder de vista o despertar de vida que está ressurgindo. No mundo pós-pandemia, será preciso enxergarmos os elementos da vida real que antes o patriarcado racista tentava esconder e silenciar, assumindo compromisso político, partindo das feridas e mortes que essa sociedade nos deixou, e aceitando o desafio de formar um novo plano de vida e de mundo. Da união de diversas maneiras de ver, sentir e estar no mundo deverá surgir a inspiração que oriente nossas escolhas no cotidiano, em interação com outros seres humanos e não-humanos. Não se trata de salvar uma humanidade excepcional, mas de reconhecer os múltiplos pertencimentos de todos que aqui habitamos.

Antes da queda do céu: vivenciando nossos múltiplos fins do mundo¹¹

Parto do meu *lugar de fala* (Ribeiro, 2019), dos fios orgânicos que me tecem, que me dão vida, subjetividade; de minhas memórias coletivas, meu corpo *interseccionalmente* atravessado (Akotirene, 2019), transpassado, transformado e transformador, em um constante devir. Indígena arapiun, do município de Santarém, nortista, brasileiro (involuntário), amazônida –

Amazônia centro do mundo em tempos de emergência climática –, cotista, estudante de antropologias, 22 anos, poeta, sonhador. Como companheiro, me apresento com mutações, histórias, arranjos. Como presença indesejável, mas densa, à espreita por toda parte pronto para dar botes¹², contando-mostrando obviedades, apontando para estruturas escancaradas de necropolítica há muito tornadas-ditas-vivenciadas, endêmicas; normalizadas por-com-em nós; humanas-quase-humanas – “a” para referir-me a pessoas, como ato de *insubmissão*, *anajajô*!¹³

Estou em casa. Não deveria ser um privilégio, mas tantas como eu não o tem. Meu fim do mundo é certamente diferente dos fins de mundo de outras pessoas. Escrevo na sala de jantar, em meu computador pessoal, em estresse e sufoco constante, com notícias, calor, com a internet de operadora que utilizo para pesquisas, e-mails e conversas em aplicativo de mensagens – salvo necessidade, não seria *cliente*¹⁴ de operadora nenhuma. Uma vez por outra dou uma pausa e saio na área externa para reaprender a respirar. O quintal está vedado: com água empoçada, está deserto de árvores vivas, somente os cadáveres de açaizeiros que outrora nos abençoavam com frutos, sombras e brisa fresca. A areia que as chuvas fizeram deslizar do asfalto os sufocaram e os levaram a óbito. Mais corpos assassinados em consequência-de-e-por uma “abstração civilizatória” (Krenak, 2019). Apenas há um buritizeiro nesse cemitério-quintal, posso sentir sua desconfiança ao olhá-lo, enquanto tento respirar.

O SARS-CoV-2 tem cochichado em meus ouvidos, ou mesmo gritado, em noites e dias de pesadelos, intra/interagindo comigo; no entanto, a recíproca é verdadeira. Não o faço ter pesadelos, mas intra/interajo a cada segundo em que eu-coletivo continuo vivo, respirando, sonhando. Afinal, como temos vivenciado, a Covid-19 não tem impacto democrático no território, pelo contrário, escancara e acentua as desigualdades já existentes.¹⁵ Garimpeiros-e-seus arranjos seguem invadindo terras indígenas, como ocorre com os parentes Yanomami, cujo xamã Davi Kopenawa inspirou o título deste texto. Segundo uma matéria da BBC News¹⁶, os parentes Yanomami que habitam perto dos garimpos ilegais podem ser infectados em números alarmantes. Amazonas, com o maior número de etnias do Brasil, não possui UTIs nas cidades de seu interior, somente na capital Manaus. Sem contar a quantidade de assassinatos de líderes indígenas, que em 2019, sob o governo Bolsonaro, foi a maior dos últimos onze anos.¹⁷ Projetos de Lei tramitam insistindo na política que destrói refúgios de vida: além do PL 2633/2020 que promove a grilagem das florestas, está em tramitação o PL 2578/20, que “determina que tanto o sexo biológico como as características sexuais primárias e cromossômicas definem o gênero do indivíduo no Brasil”¹⁸: manobra transfóbica, colonialista, que visa a supressão de direitos. Com muita luta conseguimos em 2019 que a LGBTIfobia fosse criminalizada no Brasil, país que mais mata travestis e transexuais no planeta. O número de assassinatos de mulheres trans teve aumento exorbitante durante à pandemia, em relação ao mesmo período do

ano passado¹⁹; além do aumento global da “violência doméstica”. Nossas vidas importam! Gritam “future-se” enquanto desmontam a educação pública de qualidade, enquanto atacam-matam-tanto-quanto-conseguem nossos corpos-epistemes-autoestimas-memórias-yandê.²⁰

Vivemos Antes-da-Queda-do-Céu, no que Donna Haraway (2016) chamou de Chthuluceno. Krenak (2019) nos fala sobre paraquedas coloridos, pluralidade, multiversos; nos lembra que o fim do mundo já foi vivenciado diversas vezes. Os discursos e práticas neoliberais são um abuso do que chamam de razão; exterminam corpos, subjetividades, memórias. Sem a nossa memória ancestral estamos à deriva, envoltos na névoa ilusória dessa “humanidade una” separada e sobreposta à “natureza”. Desde imensas monoculturas perdidas sabemos que “um” nunca é viável. Todos os anos línguas indígenas têm sido extintas. Se não somos biologicamente anteriores à cultura, tampouco somos culturalmente anteriores à biologia (Ingold, 2000), mas seres bioculturais em devir. As linguagens criam e transformam mundos – todas as vezes que uma língua é extinta, diversas possibilidades outras de relações com/no planeta se vão com ela. Sonho *paraquedas coloridos*, por isso estou contando essas histórias.

As regras ditadas somente pelos humanos não deram certo²¹

De forma avassaladora, o novo coronavírus atravessou fronteiras, atingiu a América Latina, chegou à Amazônia, aos povos da floresta, indígenas, quilombolas, ribeirinhos. Esse vírus invisível a cada dia tem avançado também na região do rio Tapajós. Como em tantos outros lugares da Amazônia, os povos do baixo Tapajós estão vivendo a dura realidade do alastramento da pandemia. O surgimento da Covid-19 encontrou um cenário de precariedade no sistema de saúde – embora essa seja a condição no Brasil todo, na Amazônia a situação ainda é mais alarmante. Junto com tudo isso, um desgoverno que age na contramão das medidas de proteção e toma ao mesmo tempo decisões que agredem os nossos territórios. Vivenciamos anulações de vida em massa, um genocídio, um ecocídio.

A pandemia afeta diretamente nossos territórios, nossos hábitos, nossas formas de convivência, nossas relações afetivas, nossa saúde física e mental, nossa liberdade. Ela impõe aos humanos a necessidade de sua forma de existir, letal para as vidas humanas e não-humanas e para a própria Mãe Terra. Precisamos dirigir nossos olhares a essas formas de socialidade, saindo do antropocentrismo. O capitalismo nega as socialidades não humanas, mas um vírus invisível transformou seus rumos e impôs uma nova ordem mundial.

É inquietante pensar que um vírus invisível que veio do mundo ocidental chegou à Amazônia, alcançou as águas do rio Tapajós e hoje está presente

em nosso território Borari de Alter do Chão. Faz pensar sobre a história de colonização da Amazônia, a chegada dos europeus em nossos territórios. Em tempos passados, doenças desconhecidas dizimaram os povos indígenas. Hoje é a vez da Covid-19. A pandemia aviva em mim memórias da infância, todas as minhas vivências com o rio onde nasci e cresci. Entre elas, lembro dos banhos que tomávamos diariamente antes de ir à escola – isso fazia sentir-nos livres. Mas era preciso ouvir o rio e respeitar suas regras: no horário de volta à casa ao meio-dia e ao entardecer, não podíamos ficar no rio, pois há outros seres que habitam nele. Eles também ditam suas próprias condições. Vivenciar o rio significa respeitá-lo, enxergá-lo como um lugar sagrado, habitado por seres encantados, protetores do rio. Nossa vida depende desse rio, somos alimentados por ele. Se algo ameaça a vida do rio, está ameaçando a nossa existência. É assim que compreendemos o nosso território, com seus lugares sagrados.

Nossos territórios são alvo de disputa por riquezas minerais e florestais usurpadas pela cobiça capitalista. O avanço da soja, os garimpos ilegais, a exploração de madeira, a flexibilização das regras de proteção ambiental: tudo isso afeta nossas vidas, causa desequilíbrio, doença e morte nos ecossistemas e nas pessoas. Os empreendimentos não cumprem quarentena, a contaminação nas águas do rio só aumenta: o mercúrio penetra em nossas águas e em nossos corpos. Seus impactos atingem nossos territórios, nossas vidas.

No baixo Tapajós o fluxo fluvial é intenso, as diversas aldeias e comunidades se interligam pelas estradas de rio, e através dele chegam à cidade. Nesse fluxo, pequenas e grandes embarcações de passageiros e mercadorias levam consigo o vírus. São cada dia mais frequentes os relatos de pessoas com sintomas de Covid-19 nas aldeias e comunidades. As medidas de prevenção não alcançam os lugares distantes dos centros urbanos. Nossos territórios ficam invisíveis para as políticas de proteção. As informações são inacessíveis em nossas comunidades sem inclusão digital, há subnotificações, falta transparência por parte do Ministério da Saúde. Como se não bastassem os impactos do vírus, ainda temos que enfrentar a invasão de territórios e as violações de nossos direitos. Somos constantemente obrigados a sobreviver a confinamentos. A pandemia nos exige compreender que habitamos uma única casa, a Mãe Terra, e reconhecer que as regras ditadas somente pelos humanos não deram certo. Somos parte desta casa e não donos dela: a floresta em pé mora nela, o rio mora nela, tantos seres moram nela e eles também ditam regras. É preciso descolonizar o pensamento. Cabe a nós humanos rever como estamos conduzindo nossas vidas na Mãe Terra. Que valor estamos dando a nossos próprios corpos? Será que vamos permitir que eles sejam só números de estatísticas, como vemos nesta pandemia?

“Vamos todos para Poço Branco, lá o vírus não chega!”²²

Minha mãe fez essa proposta em um dos almoços com a família, ela trabalha como professora em uma comunidade no interior de Santarém e ficou muito preocupada quando os primeiros casos em nossa cidade foram confirmados. Com o passar dos dias de quarentena, e por meio das redes sociais, ela observa que, em geral, a pequena população da colônia segue vivendo normalmente o seu cotidiano: os trabalhadores continuam indo para as plantações de pimenta, os homens fazem seus jogos de futebol nos finais de semana rodeados pelas suas famílias, e os jovens se juntam em lugares para beber e dançar.

A ideia de que exista no interior um lugar intocado em relação às doenças da cidade soa como promessa de uma terra segura para viver. O distanciamento geográfico do centro da cidade parece conferir a todos segurança contra a pandemia, como se uma barreira de árvores quase mística protegesse a todos do perigo do contágio. Como Anna Tsing (2019) escreve, os refugiados no nosso mundo aumentam e os refúgios ficam cada vez menores. Até mesmos esses refúgios estão ameaçados diante dessa crise sanitária: na Amazônia já sabemos disso.

Nós não aderimos à ideia de minha mãe pois, alguns dias atrás, alguns caminhoneiros que fazem a rota da comunidade à cidade entraram na lista de suspeitos de Covid-19; considerando que poucos deles fizeram os testes, é preferível supor que o vírus já chegou ao seu mundinho intocado. Outras coisas pesaram nessa decisão: a falta de farmácias e de atendimento médico eficiente nas comunidades interioranas é um fator que deve ser levado em consideração para uma eventual “fuga”. Se um de nós ficasse doente, seriam necessárias horas de viagem para chegar a um posto de atendimento. Nesses lugares precários, uma doença como a que enfrentamos se alastraria como fogo na palha, talvez mais como um meteoro em chamas em um campo cheio de bonecos de palha.

Chás de plantas medicinais, xaropes e outros remédios caseiros sempre foram usados, principalmente quando no inverno amazônico proliferam algumas doenças, como acontece nos surtos de gripe. Conversando com vizinhos, percebi que essa prática vem ganhando força durante a pandemia. Com a crescente demanda de medicamentos de farmácia e com a falta deles nas prateleiras, as pessoas tendem a procurar diversas ervas para chás que buscam aumentar a imunidade, com receitas que passam de boca em boca pelo meu bairro. As mais populares são feitas com boldo, limão e copaíba, usadas juntamente com remédios de farmácia com nomes complicados. Nessas junções as pessoas quebram barreiras, ciência farmacêutica e medicina tradicional usadas juntas, ambas necessárias. É obtendo uma coisa que “vem

de fora” e juntando com “as coisas de dentro” que criamos híbridos para sobreviver a este “fim do mundo”. Como diz Eliane Brum (2019), “o fim do mundo não é um fim. É um meio.”

“Fim do mundo” é uma expressão curiosa: costumamos nos referir a lugares muito distantes do centro da cidade como fim do mundo. Descentralizar o pensamento da massa se torna cada vez mais necessário para mostrar a todos que o verdadeiro centro do mundo atualmente é a Amazônia. A pandemia é a ameaça iminente nos holofotes da mídia e da população, mas não podemos esquecer que, enquanto a olhamos, outras forças agem para a destruição do nosso lar: florestas sendo desmatadas em um ritmo mais acelerado, projetos de lei contrários aos direitos dos povos originários tentam passar no escuro, na contraluz provocada pela Covid-19. Talvez a fuga proposta pela minha mãe expressa o desejo de todos os atingidos pelos males do nosso mundo pré-apocalíptico: um lugar para resistir a tudo pelo que passamos. E nesse lugar formamos a resistência da nossa espécie e das espécies companheiras que dividem a nossa casa comum. É no escuro que encontramos uns aos outros.

“Um é tudo, tudo é um”²³

Posso dizer que o início da pandemia me deixou imerso em uma sorte de confusão mental, com uma sensação estranha de fazer parte de algo que vai ficar para a história mundial, quase empolgado porque no futuro se falará destes tempos do jeito que falamos da peste negra ou da gripe espanhola. Por outro lado, emerge o constante receio de que esse inimigo dos humanos entre na minha casa, a casa de um universitário que mora com seus pais. Em alguns momentos me sinto privilegiado e em outros vulnerável.

Passo horas nos canais de streaming assistindo filmes, séries, animes. Muitos deles me fazem pensar nas consequências da manipulação, violação e exploração do planeta. Durante o confinamento, senti de uma forma especial a capacidade conectiva da internet, acho que isso antes passava despercebido para mim. Vivemos em um mundo em que tudo está conectado de forma única, e nós humanos fazemos parte dessa conexão. Talvez possa parecer algo banal, mas isso ficou muito expressivo para mim em um dos episódios do anime *Fullmetal Alchemist: Brotherhood*: “Um é tudo, tudo é um”.²⁴ Fazemos parte de um fluxo e esse fluxo continuará independentemente da nossa ausência; esse fluxo desse ser respeitado para continuarmos existindo.

“A maioria tem um barco de papel, uma minoria um transatlântico” (Brum, 2019). Essa frase faz ainda mais sentido no contexto atual, em que a pandemia afeta a todos de forma diferente – o isolamento social não é possível para todos. Na minha casa (uma residência alugada na qual moro com meu pai e minha mãe) todos somos empregados: minha mãe e eu temos os contratos suspensos, meu pai está trabalhando normalmente, pois

desenvolve serviços considerados essenciais. De todo modo, para um de nós que temos contrato suspenso, o isolamento acaba não sendo real; na prática, os empregadores fazem pressão contínua para realizar os serviços de entrega da empresa. Colocar a fonte de renda em xeque não é favorável no momento. Talvez estejamos em uma espécie de *Expresso do Amanhã*²⁵ – não vivemos de forma igual os efeitos da pandemia. No filme, os sobreviventes de uma tentativa falida de conter o aquecimento global são obrigados a viver em um trem separados em vagões que determinam sua condição social. O paradoxo é que aqueles que podem adquirir o bilhete no trem dos sobreviventes são precisamente aqueles que promoveram a destruição do planeta.

Saúde ou economia? O impasse criado não faz muito sentido em um mundo onde tudo está interligado: afinal, o governo Bolsonaro não dá garantia de segurança para nenhuma delas. O auxílio de renda emergencial se tornou uma questão de sorte, pois pessoas vulneráveis estão sendo excluídas e, em contraste, militares ou pessoas com renda expressiva residentes no exterior conseguem o benefício. O sistema de saúde carrega as graves falhas que já apresentava antes da pandemia, e neste cenário entrou em colapso. A necropolítica do Estado continuará decidindo quem tem acesso a atendimento de qualidade e quem não. Na porta dos hospitais, as pessoas que demandam assistência têm que esperar que alguém melhore ou que alguém morra. Em casa, as pessoas com alguns sintomas preferem automedicar-se a ser incluídos no sistema de monitoramento, tentando manter a sensação de liberdade e normalidade. Porém, sabemos que a normalidade não voltará: teremos que inventar uma “nova normalidade” de agora em diante.

Com-viver²⁶

A Amazônia vive em constante luto há pelo menos 500 anos. Começo o texto com essa frase porque ela concentra o peso de perdas irreparáveis que se repetem na história desde o início da colonização no Brasil. A maior floresta tropical do mundo vem sistemática, cruel e incisivamente sendo morta. E junto com ela, as plantas, os animais, as paisagens, a mata, os rios, os igarapés, os espíritos, os xamãs, os ancestrais, os povos da floresta. Tudo que é vivo hoje é gradualmente ameaçado por um modo de vida capitalista, ou parafraseando Donna Haraway (2016), está atingido pelas dinâmicas do Capitaloceno.

O luto, como muitos conhecemos, é um estado de pós-perda, um conjunto de reações a uma perda significativa pela morte de outro ser. Os/as amazônidas nunca se recuperaram do luto porque não há superação, não há reparação de danos, não há incumbência: existem apenas mais mortes, uma seguida da outra, e os gritos de dor como quem perde um pedaço de si, como quem perde gente. Destaco como, na mitologia indígena da América do sul, o pensamento indígena sobre o início da humanidade nos indica que já estava tudo lá. O perspectivismo ameríndio aponta um sistema

relacional, uma comunicação entre seres vivos que são gente. Em contraste, a modernidade coloca o *Homem* como o ponto zero de tudo e objetifica, desumaniza e extermina aqueles que não são considerados *humanos*. Estão matando a gente, é assim que se inicia o luto.

Hoje, dolorosamente, o mundo experiencia esse estado de luto, o sentimento e frustração da perda por meio das mortes em escala local, nacional e mundial provocadas pelo vírus SARS-CoV-2 que protagoniza esta pandemia. A Covid-19 é causada por uma família de vírus que produz infecções respiratórias de forma que quase 80% dos casos não têm sintomas, cerca de 20% das pessoas infectadas apresentam dificuldade de respirar e 5% podem precisar de suporte ventilatório para o tratamento de insuficiência respiratória, segundo a Organização Mundial da Saúde.²⁷ Pela falta de leitos em Unidades de Tratamento Intensivo e o aumento drástico dos casos mais graves, o mundo presencia a morte de milhares de pessoas. Sem conseguir mensurar o peso desses números, o Brasil sente as perdas a cada boletim diário do Ministério da Saúde. E a região Norte do país, onde fica grande parte da Amazônia Legal, lidera os casos de SARS-CoV-2 no Brasil. Cientistas da Universidade Federal de Pelotas revelaram que a maior prevalência de pessoas com anticorpos do vírus está em um trecho de 2 mil km do rio Amazonas, entre Belém, no estado do Pará, e o município de Tefé, no Amazonas.²⁸ Na região Norte o coronavírus viajou de barco e dormiu na rede.

A pandemia dá continuidade à morte e ao luto existentes aqui há muito tempo. Ela não é uma novidade para os povos da floresta, é um sinal de mortalidade, uma resposta da presença *des-humana* e de um modo de vida que desmata, polui rios, invade territórios, destrói o meio ambiente. Esse modo de viver no mundo, na verdade, é um problemático processo de controle da natureza, que reage.

Nesses tempos de isolamento e caos social, penso na arte. Arteira: é palavra que me acompanha aqui no interior da Amazônia. “Menina arteira”, dizia minha mãe: quando ousava fazer algo fora do “normal”, ela chamava de bagunça e eu de arte. A arte nos dá a possibilidade de criar novos mundos, de tecer novos olhares sobre si e sobre aquilo que já conhecemos. A sensibilidade do teatro não está só no ato de representar, mas nas possibilidades de encontro consigo, com o outro, com cenários e perspectivas. É sobre percepções e reflexões dentro de um corpo social em constante dinamismo e, mais, sobre a capacidade de “se ver” como potencial de transformação. Nós, arteiros e arteiras, fazedores de arte, temos a obrigação de inventar outro mundo porque sabemos que outro mundo é possível. É sobre conexões e transformações; é sobre estar vivo.

Toda essa calamidade global é um reflexo do apagamento sistêmico de histórias e criações de mundos múltiplos. Eles ainda “reexistem” em espaços de *com-vivência* onde diversas espécies vivas conseguem *com-viver* nos mesmos

lugares. *Viver-com* é diferente de simplesmente conviver ou coexistir, e supõe uma efetiva cumplicidade (Carvalho e Vaz Filho, 2013). Esse *onde* é o planeta Terra. Tudo que vive está conectado, como as plantas que com suas raízes se conectam à terra, com o todo. Somos apenas parte.

Nota de refúgio na pandemia²⁹

O caos na humanidade está nos desafiando a entender mais sobre nossas prioridades. E eu, fazendo parte dessa terra, compreendo que a minha prioridade agora é a defesa da minha terra, protegendo os meus direitos e os do meu povo. Acredito que a natureza como nós conhecemos nunca foi tão cara e rara; dependemos dela para continuar resistindo.

A humanidade já se afastou tanto da sua conexão com a natureza que estamos vivendo há anos as consequências do esgotamento das reservas naturais do planeta; continuamos acomodados, cercados por casas verticais e concreto. Em contraste, surgem formas de pensar que trazem a possibilidade da reversão de papéis, e nos orientam a compromissos colaborativos multiespécies que superem os conceitos do antropocentrismo. Mais do que nunca, tornou-se importante escutar as narrativas de pessoas vinculadas a seus lugares. Não vivemos em um meio urbano qualquer: nossa cidade tem a floresta amazônica como quintal de casa, e se conecta com vidas multiculturais e multiespécies.

Entretanto, estamos em meio a um momento que põe de manifesto como as associações biodiversas entre humanos e não-humanos tornam-se cada vez mais híbridas e complexas. Agora uma realidade se impôs: um vírus originado em Wuhan, na China, causou uma crise na saúde global, uma infecção em massa, altamente contagiosa, cuja eclosão deixou todos nós receosos. Pesquisadores no Brasil já vinham indicando que não viveríamos tempos fáceis se a epidemia chegasse a se alastrar por aqui. Somos um país subdesenvolvido, com graves deficiências nas estruturas laboratoriais e hospitalares, com baixa capacidade de enfrentar a alta incidência do novo coronavírus e com um governo com tomadas de decisão irresponsáveis.

Ficou claro que saúde, trabalho, educação, política, consumo, propriedade privada e natureza estão completamente interligados. Nosso modelo de cidade e nossa compreensão de salubridade estão sendo desafiados. Seria ingenuidade pensar que grupos vulneráveis, marginalizados já antes da pandemia, estariam protegidos do contágio com as medidas de isolamento social em curso. A situação é grave: estamos morrendo pelo vírus e ainda somos vítimas de um sistema de desgoverno que não dá chance de nos defender, e que de forma multifacetada executa um projeto de destruição do nosso futuro. Na Amazônia, no Oeste do Pará, em Santarém, muitos estamos nos sentindo angustiados com essa espiral de descaso e ódio. Os governantes

preferem não abalar a economia e ignorar nosso bem viver. São tempos difíceis no quais sentimos que não podemos fazer muita coisa... O governo Bolsonaro, apoiado ativamente pelo seu eleitorado, não está se importando com a exorbitante quantidade de mortos, e promove uma necropolítica muito bem articulada que faz vítimas não só da Covid-19, mas da sua atuação violenta e anticientífica que nos coloca em risco, mesmo adotando as medidas possíveis de prevenção e isolamento. De forma alguma podemos ficar quietos!

Hoje está em curso uma revolta principalmente dos coletivos jovens, negros, LGBTQI+, indígenas, marginalizados e excluídos em todo Brasil a favor da vida. Ainda em plena pandemia, estão organizando mobilizações contra o atual governo, contra a desigualdade, contra o racismo, contra a marginalização de grupos promovida pelo Estado. Esse grande levante também acompanha uma série de manifestações em todo o mundo que pedem uma mudança mais do que necessária, a da ideologia. Há um movimento que quer repensar o mundo e proteger nossa gente, sensibilizando-nos sobre nossas prioridades, nossas conexões e nossas formas de socialidade.

Uma das minhas experiências mais enriquecedoras no confinamento foi poder refletir junto da minha mãe sobre tudo isso que estamos vivendo. Com a ajuda dela consegui observar a realidade de um grupo vulnerável que se tornou centro da preocupação dela; eles são dependentes químicos. Ela é cientista social e técnica que se tornou aliada na compreensão do comportamento do vírus da Covid-19 em Santarém, após vários anos de experiência pesquisando e tratando outros tipos de doenças virais, como hepatite, HIV, DST. Assim, ela consegue acompanhar racionalmente a agência de um vírus na nossa sociedade. Esse entrelaçamento multiespécies entre um vírus pouco conhecido e os humanos exige muita habilidade para olhar o vírus como um organismo que cria suas próprias regras e é capaz de se tornar um protagonista que afeta nossas vidas. Junto da minha mãe, percebo o sofrimento dos pacientes atendidos no CAPS - Centro de Atenção Psicossocial da Secretaria de Saúde de Santarém. Muitos deles são dependentes de álcool e drogas, pertencem a uma classe social baixa, estão em situação de abandono familiar, com imunidade deprimida, sistema respiratório comprometido e, por tudo isso, mais suscetíveis a contraírem a Covid-19. São jovens, homens e mulheres que, não raramente, compartilham abrigo municipal com outras pessoas na mesma situação de risco.

Por causa de sua situação de vulnerabilidade, são mais propensos ao agravamento da Covid-19. Só lhes resta o cuidado e o esforço dos profissionais como ela, preocupados em construir ações concretas de tratamento e prevenção para frear a vertiginosa escala de contaminação que há em nossa cidade. Percebo que há personalidades amazônicas, principalmente do campo da saúde, que estão levando muito a sério todo o panorama político e social da crise da pandemia do novo coronavírus. Diariamente favorecem uma interação

profissional e científica virtual à procura de soluções de reorganização social para este período de quarentena: isso fará a diferença no controle dos índices da pandemia no nosso estado e no nosso país. Estão construindo refúgios diante da potência contagiante desse vírus, pois a ineficiência do governo federal na crise sanitária atual mostra que não podemos esperar por ele.

Pandemia: a luta de Gaia e da Amazônia contra o neodarwinismo³⁰

Desde 1972, lideranças e pesquisadores do clima e do meio ambiente desenvolvem um esforço diplomático para o controle da poluição e dos impactos ambientais sobre os ecossistemas de Gaia. A escolha pelo nome Gaia, e não planeta, é proposital: é uma marca discursiva que mostra a visão de mundo que inspira este texto e que aponta para a hipótese de Gaia proposta pelo cientista James Lovelock, com contribuição de Lynn Margulis, quem elaborou a teoria da simbiogênese.

Nesta pandemia iniciada na China e que já ocupou os territórios mais profundos da Amazônia, é impossível não lembrar de Lovelock, Margulis e de todos os movimentos mundiais de defesa do meio ambiente influenciados pela hipótese de Gaia, que já buscava compreender o que estamos vivendo hoje. Na primeira Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente (Estocolmo, 1972), na época de emergência do pensamento ecologizado (Morin, 1997) dos movimentos da contracultura, se iniciou um amplo debate sobre ética ambiental que possibilitou anos depois a declaração da Carta da Terra (2000). Esse documento apresentou modelos de ação cooperativa em prol da educação para a preservação do meio ambiente e da formação de “uma aliança global para cuidar da Terra e uns dos outros”.

Os movimentos inspirados na hipótese de Gaia e na Carta da Terra, “imbuídos em deter e acabar com a destruição ambiental dos ecossistemas terrestres” (Ikeda e Henderson, 2005, p.147), travaram uma batalha na esfera pública midiática e nos espaços de poder contra aqueles que se inspiram no neodarwinismo para promover a exploração dos recursos naturais. Na controvérsia acadêmica e científica, Lynn Margulis já havia desafiado o neodarwinismo, afirmando que “muitas vezes seres recém-evoluídos crescem e se espalham rapidamente utilizando a energia, provisões de alimento ou resíduos dos outros, mas a expansão da população sempre para porque é impossível comer ou respirar seu próprio resíduo. As populações entram em colapso ou têm crescimento mais lento quando encontram obstáculos à expansão” (Margulis, 2001, p.114).

A pandemia desta segunda década do século XXI é, como argumenta Frédéric Keck (2020), um signo de desequilíbrio entre as espécies de um ecossistema: humanos, morcegos e pangolins. Entretanto, o novo coronavírus

também traz a marca indicial dos intensos fluxos aéreos do capital transnacional e das dinâmicas do turismo globalizado, que conduziram o novo coronavírus a territórios onde a ausência de mecanismos de prevenção contra epidemias potencializou o projeto da extrema direita de genocídio dos pretos e indígenas. Nesta relação ecológica alterada, com milhares de pessoas mortas em todo o mundo, aqueles que sobreviveram ao novo coronavírus na Ásia e na Europa realizaram viagens transnacionais até os países onde não havia transmissão comunitária da Covid-19. O vírus chegou na Amazônia e avançou por inúmeras rotas, expandindo seus fluxos e associações. O SARS-CoV-2 mudou seu sistema de transporte e viaja em grandes e pequenas embarcações pelos rios amazônicos. Desta forma, as populações indígenas, quilombolas e beiradeiras das cidades e comunidades amazônicas, com um Sistema Único de Saúde sucateado há décadas, sem uma política de combate e prevenção adequadas, padecem diante do vírus mortal. Pessoas morrem sem conseguir sair das comunidades em busca de respiradores nos leitos de hospitais de campanha e de UTIs.

Com o descaso governamental, a Amazônia, centro do mundo, virou epicentro da pandemia. Aqui, a Covid-19 é oportunidade para o trabalho de genocídio do regime fascista sobre negros e indígenas. O neocolonialismo capitalista, com seu modo imperialista e neodarwinista de agir, faz uso deste momento crítico para matar e explorar ainda mais. As mortes sem notificação dos povos tradicionais e a ocultação dos índices de contágio e letalidade por Covid-19 nos boletins epidemiológicos evidenciam, como lembra o filósofo Didi-Huberman, um apagamento da história similar ao trabalho genocida dos nazis, que “se dedicaram a fazer desaparecer as vítimas dos crematórios” (Didi-Huberman, 2012, p.36). Junto com seus povoadores, morre também a floresta amazônica, que alcança recordes de desmatamento inéditos. Amazônia sucumbe em mais uma crise socioambiental. Com o desequilíbrio dos rios e florestas, sem os serviços biológicos de todos os ecossistemas de Gaia, sem a evapotranspiração das florestas que sustenta os regimes de chuva e umidade do continente, o cenário previsto é de mais uma guerra: o genocídio em curso interrompe a ação cooperativa de Gaia que ocorre, lentamente, desde a Grande Explosão. São mais de 13 bilhões de anos durante os quais poeiras de estrelas, com a ajuda da luz solar, expandiram o universo e propiciaram a vida em Gaia – esta grande rede de ecossistemas que forma a comunidade da vida que é a biosfera. Vencer o câncer do neodarwinismo, na Amazônia, é, sem dúvida, a verdadeira e a mais longa batalha pela expansão da vida.

Olhando o rio Amazonas do porto da Cargill³¹

Recentemente, Donna Haraway – cujas leituras preenchem meus dias de confinamento junto com as páginas distópicas de Ursula K. Le Guin e Margaret Atwood – foi entrevistada na apresentação da edição espanhola de seu último livro, *Staying with the trouble: Making kin in the Chthulucene*.³² Na

rodada de perguntas que sucedeu à entrevista, tive oportunidade de fazer um comentário sobre a encruzilhada que vivemos na Amazônia, onde a pandemia chegou em pleno recrudescimento das agressões aos povos da floresta e seus territórios. Donna, conhecedora do drama que a Amazônia brasileira vive, se expressou com as seguintes palavras:³³

Podemos sobreviver com a infecção, mas não podemos sobreviver com o fascismo. O fascismo que está surgindo no Brasil, nos Estados Unidos, na Hungria e em muitos lugares - o fascismo que está surgindo na terra agora em Estados-nação poderosos - põe em risco nosso presente e nosso futuro. Bolsonaro está engajado em um franco genocídio, usando o vírus como cobertura para impulsar a destruição final na Amazônia brasileira. Esses povos e seus modos de vida são humanos e mais-que-humanos. Nos Estados Unidos, a cobertura da pandemia faz contínuas derrogações dos regulamentos ambientais, liberação contínua de extração ainda maior de combustíveis fósseis, mineração e assim por diante. Governos nacionalistas fascistas, que são misóginos, racistas – francamente fascistas –, estão usando a pandemia para promover seus fins maiores, pré-existentes.

Podemos viver com a infecção? A infecção faz parte do mundo biológico, a infecção mata de diferentes formas. Acho que o fortalecimento das estruturas da saúde pública é para proteger os seres humanos e, além dos humanos, para bloquear infecções sobre populações vulneráveis de animais e plantas. Por exemplo, a indústria da paisagem globalizada é uma indústria favorável à pandemia, para destruir plantas e animais em todos os lugares do mundo. A indústria da paisagem contemporânea é um instrumento de destruição que trabalha através da infecção. Portanto, há necessidade de uma estrutura de saúde pública em torno ao design da paisagem, uma estrutura de saúde pública em torno do que realmente protege as pessoas nos locais de trabalho, nos locais de atendimento aos idosos, nos hospitais, nas vizinhanças. Podemos viver com a infecção – isso não é o mesmo que não fazer nada com a infecção e apenas abraçar o vírus. Bobagem, o vírus é um assassino, mas há um tipo de renovação da complexidade biológica e dos habitats, habitats agrícolas, habitats da floresta. Esses vírus cada vez mais pandêmicos surgem e matam em massa tanto os humanos quanto os mais-que-humanos por causa das constantes práticas destrutivas do capitalismo global hiperbólico. E ele é realmente hiperbólico! (Haraway, entrevista em 27/06/2020).

A trezentos metros de casa – onde termina a redação destas páginas –, na confluência dos rios Tapajós e Amazonas, se ergue o terminal fluvial da Cargill, ponto de partida das mais importantes rotas internacionais de escoamento da soja e milho produzidos na Amazônia. A capacidade atual de armazenagem é de 114 mil toneladas, a de embarque é de cinco milhões de toneladas de grãos ao ano. O resultado da eliminação da floresta, tão visível neste lugar, se emaranha e confunde com a letalidade da Covid-19 com a qual convivemos. Povos indígenas e ribeirinhos junto com plantas, animais, fungos, espíritos cantores e rios voadores fizeram as múltiplas alianças e colaborações vivas que geraram esta floresta. Ela recebe hoje, dramaticamente, a infecção de um vírus surgido em terras distantes, em desencontros que envolveram morcegos, pangolins, bosques, humanos, mercados vivos, cidades. É possível

que um dia, junto com os grãos de soja que suplantaram estas paisagens, a floresta em retalhos espalhe novas infecções no mundo, emergidas a partir de suas perturbações. Então faremos aquilo que já começamos a fazer nestes dias de confinamento: resistir para continuar tornando possível a vida na Amazônia em ruínas.

Notas

¹ <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-05-22/salles-ve-oportunidade-com-coronavirus-para-passar-de-boiada-desregulacao-da-protecao-ao-meio-ambiente.html>.

² http://www.inpe.br/noticias/noticia.php?Cod_Noticia=5465 Cfr. também Barlow et al. (2020)

³ <https://www.camara.leg.br/propostas-legislativas/2252589>

⁴ <https://www.who.int/emergencies/diseases/novel-coronavirus-2019/situation-reports>

⁵ Seguimos as informações da Plataforma de monitoramento da situação indígena na pandemia do novo coronavírus no Brasil “Covid-19 e os Povos Indígenas”, disponível em <https://covid19.socioambiental.org/>. Cfr. Nota técnica “Modelagem da vulnerabilidade dos povos indígenas no Brasil ao Covid-19”, disponível em <https://isa.to/2RNMEJ5>

⁶ <https://apublica.org/2019/04/agricultores-denunciam-uso-de-agrotoxico-como-arma-quimica-em-fazenda-de-daniel-dantas/>

⁷ <https://apublica.org/2019/10/os-indigenas-e-quilombolas-ameacados-pela-soja-veneno-portos-e-o-preconceito/>

⁸ Juliana Leide Bentes Barreto. Tenho 22 anos de idade. Sou nascida e criada na região do baixo Tapajós. Da mistura de famílias ribeirinhas, indígenas e migrantes nordestinos, sou um ser vivente da Amazônia. Eu adio o fim do mundo desenhando paraquedas coloridos. Gosto de desenhar e escrever sobre a infância em uma das Amazônias possíveis. Aspirante a antropóloga e ilustradora de contos infantis, sou uma entusiasta do devir.

⁹ Eduardo Ferreira Silva. Nasci no dia do orixá rei da justiça Xangô, 30 de setembro, dia da Bíblia também. Nasci e vivi minha vida inteira na cidade dos Tapajós, Santarém, no Pará. Tenho sangue ribeirinho, indígena e preto, que com a ajuda do tempo dissolveu algumas linhagens europeias. Fã de expressões artísticas como o canto, a dança e a música, busco entender todos os dias minha personalidade, minha sexualidade, minha ancestralidade para o bom convívio comigo mesmo e, nesse exercício, para tensionar reflexões acerca de paradigmas.

¹⁰ Karina Cunha Pimenta. Nascida em Oriximiná e vivida em meio às cidades do Tapajós, hoje moro em Santarém. Sou graduanda em antropologia na UFOPA, onde atuo como monitora do laboratório de textos de Antropologia e Arqueologia para discentes quilombolas e indígenas. Tenho uma história de vida construída por meio das lutas de mulheres que me antecederam, como minha avó e minha mãe. Sigo

honrando com o compromisso de me fazer presente nesse mundo lutando pelo que acredito, em busca de um novo plano de vida e de uma nova forma de construção de narrativas do mundo.

¹¹ Dían Sousa de Oliveira. Antropoeta do fim dos mundos, nasci na aldeia/comunidade de Vila Franca, banhada no encontro dos rios Tapajós e Arapiuns. Aos meus onze anos, minha mãe, meus irmãos, minha irmã e eu nos mudamos para Santarém. As memórias de quem eu era, no sentido de “pertença”, no próprio sentido de existir, foram empalidecendo e então me vi perdido em mundos que não compreendia e dos quais não me sentia parte. Tenho buscado retornar às minhas raízes, a minha memória ancestral. Foi esse um dos motivos que me levou até a antropologia.

¹² Expressão que denota ataque.

¹³ Uso o termo “insubmissão” como categoria analítica nas escritas-práticas-vivências, citada pela professora Carla Ramos nas suas aulas no curso de Antropologia na UFOPA, e inspirada nos relatos de Conceição Evaristo (2011). *Ananajô* é uma palavra-categoria-de-análise-prática da língua Fom, que significa “roubar de volta o que nos foi roubado”.

¹⁴ Em referência à reflexão de Krenak (2019) sobre “clientes e cidadãos”.

¹⁵ <https://diplomatie.org.br/covid-19-e-a-politica-urbana-a-densidade-nao-e-a-vila/>

¹⁶ <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-52886924>

¹⁷ <https://g1.globo.com/natureza/noticia/2019/12/10/mortes-de-liderancas-indigenas-batem-recorde-em-2019-diz-pastoral-da-terra.ghtml>

¹⁸ <https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=2252276&fichaAmigavel=nao>

¹⁹ <https://antrabrazil.org/category/violencia/>

²⁰ Em tupi-guarani significa “nós”, “nosso”. “Nós juntos para além do espaço-tempo” (palavras minhas).

²¹ Nilva Borari, Risonilva Garcia Correa nos registros de identidade. Sou nascida e criada à beira do rio Tapajós, nas curvas do Lago Verde, originária do povo Borari, do território Borari em Alter do Chão. Sou uma das sete filhas e quatro filhos da grande guerreira Ramira e do grande pescador Francisco, na memória. Tenho uma forte ligação com as artes, que essa grande guerreira e artesã me ensinou. Aprendi a criar e recriar, a reinventar-me. Sou ceramista graças a minha memória ancestral. Como filha das águas do Tapajós, sigo alimentada por esse rio.

²² Matheus de Araújo, nasci dia 6 de maio em uma madrugada chuvosa em Santarém, onde vivo faz 24 anos. Passei a infância desenhando nas paredes de madeira da casa da minha avó e queria ser animador quando crescesse. Trilhei e abandonei alguns caminhos acadêmicos até chegar à antropologia, que ao apresentar-me outras formas de ver a mim mesmo e ao mundo, me dá ideias novas para criar os meus próprios.

²³ André Luiz Lemos Ferreira. Ser pensante, menino sem cor em busca de raízes, amante de filmes, livros, HQs, séries, animações, música. Amazônida, da cidade de Santarém, ouvinte de histórias, de mitos e lendas. Apreciador e sujeito da natureza, neto de parteira e puxadeira, acadêmico, produzindo conhecimento e em constantes mudanças.

²⁴ *Fullmetal Alchemist: Brotherhood*, temporada 1, episódio 12: “One is all, all is one”. Direção: Yasuhiro Irie. Tokyo: Studio Bones, 2009. Disponível em Netflix.

²⁵ *Expresso do amanhã* (filme). Direção: Bong Joon-ho. Coreia do Sul: Moho Films - Optus Pictures, 2013.

²⁶ Jéssica de Miranda Matos. Sou filha do encontro de dois rios: Amazonas e Tapajós, não só porque sou nascida em Santarém, mas por ter um pai do Maró, no rio Arapiuns, afluente do Tapajós, e uma mãe do Guajará, no baixo Amazonas. Meu sangue são dois rios que se encontraram. Sou arteira amazônida, fazedora de teatro no Iurupari, carimboleira, aspirante à antropóloga, existindo com os meus im-pulsos.

²⁷ <https://coronavirus.saude.gov.br/sobre-a-doenca>

²⁸ <https://www.medrxiv.org/content/10.1101/2020.05.30.20117531v1>

²⁹ Paula Pires Pinheiro. Me identifico como mulher de pele parda, cabocla, jovem e universitária. Trilho um caminho que escolhi com muito orgulho, a antropologia. Me comunico com pessoas, compartilho meus aprendizados e com elas aprendo sobre novos mundos para formar com solidez quem eu sou. Defendo e almejo mudanças no mundo e creio que somente com luta, conhecimento e responsabilidade podemos vencer distâncias.

³⁰ Talita Baena. Sou naturalmente nordestina e culturalmente paraense, neta e bisneta de afro-ameríndias marajoara, tapajoara e nordestinas. Como elas, a minha sina é a fronteira. Por causa da medicina praticada pelo meu pai pelo interior da Amazônia, cresci e vivi nas fronteiras de Serra Pelada, Carajás, entre o sudeste, oeste e nordeste paraense. Agora, em Santarém, sendo jornalista e doutoranda em ciências ambientais, descrevo as desventuras humanas e não humanas desta fronteira amazônica que, como as outras, sonha com o mito do progresso, mas ele nunca chega.

³¹ Miguel Aparicio. Nasci ao outro lado do mar, mas Amazônia já acolheu a metade da minha vida. Anos de amizade com os Suruwahá, os Katukina e os Banawá foram moldando-me com histórias que circulavam em meio a aldeias e cidades espalhadas na floresta. Talvez minha vida consista em mudar de rios: do Douro ao Tibre, do Tibre ao Purus, depois aos rios Potengi, Jutai, Negro, e agora ao Tapajós: à beira dele, conto histórias de indígenas e antropólogos aos estudantes de uma jovem universidade pública amazônica, na cidade de Santarém.

³² A entrevista, conduzida por Helen Torres no dia 27 de maio de 2020, está disponível no canal da editora Consonni em YouTube: https://www.youtube.com/watch?v=DR_4zWBtRW0

³³ Tradução nossa.

Referências

- AKOTIRENE, CARLA. (2019). *Interseccionalidade*. São Paulo: Pólen Produção Editorial.
- BARLOW, JOS; Berenguer, Erika; Carmenta, Rachel; França, Felipe. (2020). "Clarifying Amazonia's burning crisis". *Global Change Biology*. <https://doi.org/10.1111/gcb.14872>
- BRUM, ELIANE. (2019). "Amazônia Centro do Mundo". *El País*, edição de 15 de novembro de 2019.
- CARVALHO, LUCIANA G., Vaz Filho, Florêncio A. (2013). *Isso tudo é encantado*. Santarém: Ufopa.
- COMISSÃO DA Carta da Terra. (2000). *Carta da Terra*. <https://www.tjpr.jus.br/web/gestao-ambiental/cartadaterra>
- DIDI-HUBERMAN, GEORGES. (2012). *Imagens apesar de tudo*. Lisboa: KKYM.
- EVARISTO, CONCEIÇÃO. (2011). *Insubmissas lágrimas de mulheres*. Rio de Janeiro: Malê Editora.
- HARAWAY, DONNA L. (2016). "Antropoceno, Capitaloceno, Plantationoceno, Chthuluceno: fazendo parentes". *ClimaCom Cultura Científica*, ano 3, n. 5. <https://doi.org/10.1215/9780822373780>
- HARAWAY, DONNA L. (2016). *Staying with the trouble: Making kin in the Chthulucene*. Durham - London: Duke University Press.
- IKEDA, DAISAKU. e Henderson, Hazel. (2005). *Cidadania planetária: seus valores, suas crenças e suas ações podem criar um mundo sustentável*. São Paulo: Editora Brasil Seikyo.
- INGOLD, TIM. (2000). *The perception of the environment. Essays on livelihood, dwelling and skill*. London and New York: Routledge.
- KECK, FRÉDÉRIC. (2020). *Os morcegos e os pangolins se rebelam*. São Paulo: Edições n-1.
- KOPENAWA, DAVI. e Albert, Bruce. (2015). *A queda do céu: palavras de um xamã yanomami*. São Paulo: Companhia de Letras.
- KRENAK, AILTON. (2019). *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras.

- KRENAK, AILTON. (2020). *O amanhã não está à venda*. São Paulo: Companhia das Letras.
- MARGULIS, LYNN. (2001). *O planeta simbiótico*. Rio de Janeiro: Rocco.
- MBEMBE, ACHILLE. (2018). *Necropolítica*. 3ª. ed. São Paulo: n-1 edições.
- MORIN, EDGAR. (1997). Por um pensamento ecológico. In: Castro, Edna e Pinton, Florence (Orgs.), *Faces do Tropicó Úmido: conceitos e novas questões sobre o desenvolvimento e meio ambiente*. Belém: UFPA-NAEA.
- RIBEIRO, DJAMILA. (2019). *Lugar de Fala*. São Paulo: Pólen Produção Editorial.
- ROCHA, BRUNA. e Loures, Rosamaria. (2020). “Na Amazônia, as bibliotecas estão sendo incendiadas”. *El País*, edição de 3 de junho de 2020.
- TSING, ANNA L. (2019). *Viver nas ruínas: paisagens multiespécies no Antropoceno*. Brasília: IEB Mil Folhas.